



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

**KÁSSIA JACIRA GONÇALVES GUEDES DOS SANTOS**

**MAMÃE, POR QUE SOU DESSA COR?:** Por uma arte/educação antirracista

**MACAPÁ**

**2024**

KÁSSIA JACIRA GONÇALVES GUEDES DOS SANTOS

**MAMÃE, POR QUE SOU DESSA COR?:** Por uma arte/educação antirracista

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Wosniak.

MACAPÁ

2024

KÁSSIA JACIRA GONÇALVES GUEDES DOS SANTOS

**MAMÃE, POR QUE SOU DESSA COR?:** Por uma arte/educação antirracista

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Macapá, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2024.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Fábio Wosniak/UNIFAP (Orientador)

---

(Membro interno /Instituição)

---

(Membro interno /Instituição)

---

(Membro Suplente /Instituição)

Dedico este trabalho a Deus, fonte de toda sabedoria e inspiração, cuja graça e direção me acompanharam em cada etapa desta jornada acadêmica. Sem Ele seria impossível chegar até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu amado marido, Marcos Santos, expresso minha mais profunda gratidão por seu apoio ininterrupto, compreensão e incentivo durante todo o processo de realização deste trabalho. Sua presença ao meu lado tornou cada desafio mais leve e cada conquista mais significativa.

Aos meus queridos filhos, Marcos Rafael, Maria Rita (fonte de inspiração para essa monografia) e Marcos Bernardo, agradeço por serem minha constante inspiração e motivação. Suas palavras de encorajamento e seu amor incondicional foram a energia que impulsionou meu esforço diário.

Aos meus pais, Raimundo Guedes e Maria Jacira, expresso meu eterno reconhecimento por seu apoio incondicional, sacrifício e exemplo de perseverança ao longo de toda minha vida. Seu amor e incentivo foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

À minha amada irmã, Rita Priscila, agradeço por estar ao meu lado, por seu incentivo, encorajamento, compartilhando das minhas alegrias e me apoiando nos momentos difíceis. Sua presença foi um conforto constante durante essa jornada.

Ao meu estimado orientador, Fábio Wosniak, expresso minha sincera gratidão por sua orientação, paciência, e expertise ao longo deste trabalho. Suas contribuições foram inestimáveis para o meu crescimento acadêmico e profissional.

A todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, meu mais profundo agradecimento. Este momento é fruto de um esforço coletivo e do apoio de pessoas tão especiais em minha vida.

“Uma educação antirracista e emancipadora deve preparar o sujeito negro para ser lúcido e crítico diante desta realidade, permitindo a sua autodeterminação e autoproteção enquanto ser humano”.

**Aza Njeri**

## RESUMO

Apresenta-se nesta monografia um estudo sobre o impacto da educação antirracista no ensino de Artes Visuais na educação básica, bem como, conscientiza sobre questões raciais e promove a inclusão. Investiga o crescimento do racismo no ambiente escolar, a resistência a um ensino étnico desfavorecido e as consequências a longo prazo. Embasada em autores e especialistas, a pesquisa inclui revisão bibliográfica, com capítulos explorando história da representação da raça negra, metodologia da pesquisa, estratégias antirracistas no ensino de Artes Visuais, e uma conclusão que destaca a importância da educação antirracista nas artes visuais.

**Palavras-chave:** Arte/educação antirracista. Racismo no ambiente escolar. Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula.

## **ABSTRACT**

This monograph presents a study on the impact of anti-racist education on the teaching of Visual Arts in basic education, as well as raising awareness about racial issues and promoting inclusion. Investigates the growth of racism in the school environment, resistance to disadvantaged ethnic education and the long-term consequences. Based on authors and experts, the research includes a bibliographical review, with chapters exploring the history of representation of the black race, research methodology, anti-racist strategies in teaching Visual Arts, and a conclusion that highlights the importance of anti-racist education in the visual arts.

**Keywords:** Anti-racist art/education. Racism in the school environment. African and Afro-Brazilian cultures in the classroom.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	12
2.1 A ausência de representatividade afro-brasileira na sociedade .....	12
2.1.1 Narrativas sobre como a raça é representada nas artes visuais e no campo educacional ao longo do tempo .....	22
2.1.2 A ilusão da democracia racial.....	28
2.2 Arte/educação antirracista e seu papel na transformação do ensino de artes visuais...	34
3 CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS .....	50



Fonte: Acervo da autora (2022).<sup>1</sup>

## 1 INTRODUÇÃO

Minha trajetória na luta contra o preconceito racial teve início com o nascimento da minha filha, Maria Rita. Ainda na sala de parto, minha mãe, que estava ao meu lado, recebeu uma ligação do meu esposo questionando a cor da nossa filha, se seria "branquinha". Naquele momento, ele não tinha conhecimento de que nossa bebê era pretinha. Antes da chegada de Maria Rita, eu já havia dado à luz ao meu primeiro filho, que tinha a pele clara, embora não fosse branco. Meu esposo, um homem negro que aceita plenamente sua cor, manifestou essa curiosidade devido à experiência em seu próprio nascimento, quando a avó materna expressou surpresa ao vê-lo, uma vez que a mãe dele era branca e o pai negro. No entanto, desta vez, ele ficou radiante por

---

<sup>1</sup> Família de Maria Rita. Da esquerda para a direita: Maria Rita, Kássia Jacira, Marcos Bernardo (caçula), Marcos Emerson (o pai), Marcos Rafael (primogênito). Imagem autorizada pela autora.

Maria Rita compartilhar da mesma tonalidade de pele que a sua. Assim como a mãe dele carinhosamente o chamava de "meu pretinho", ele passou a chamar Maria Rita de maneira semelhante, reforçando um laço afetivo. Esse episódio inicial evidenciou a complexidade das percepções em torno da cor da pele, desencadeando em mim um comprometimento renovado na batalha contra estereótipos e preconceitos raciais.

Com o tempo, à medida que Maria Rita amadurecia, ela se interessava por assistir filmes da Barbie e outras animações infantis com princesas. No entanto, não conseguia encontrar representações que a refletissem, nem mesmo dentro de nossa própria família, composta por tias de pele clara e uma avó com um tom de pele mais escuro, contudo, ligeiramente mais clara do que eu. A falta de figuras femininas pretas para Maria Rita se espelhar ou se inspirar despertou questionamentos sobre a cor de sua própria pele. Em um momento de sincera curiosidade, ela me questionou: "Mãe, por que eu sou preta e você é branca?", embora eu não seja exatamente uma mulher branca, apenas um pouco mais clara que ela. Em resposta, eu lhe afirmava: "Minha filha, você é igual ao seu pai, a cor da sua pele é linda e você é uma garota negra linda". Por enquanto, ela aceitava essa explicação, mas essa troca revelou a importância de abordar com sensibilidade as questões de identidade racial, incentivando um entendimento positivo e saudável da diversidade.

Durante as férias na casa de sua tia, enquanto preparava-se um bolo de chocolate, Maria Rita expressou que não gostava de chocolate porque era marrom, e ela não apreciava essa cor, associando-a à sua própria pele. Sua tia tentava suavizar a situação, explicando que a cor da pele é biológica e que as pessoas não têm controle sobre a cor com a qual nascem. Contudo, Maria Rita replicava, dizendo: "Tia, você diz isso porque é branca". Em outra ocasião, enquanto eu me maquiava para sair, Maria Rita expressou novamente: "Mãe, eu queria ser branca como você", com uma expressão triste no rosto. Essas palavras partiam meu coração, mas eu sempre buscava elevar a autoestima dela, respondendo: "Minha filha, eu não sou branca, sou negra como você, apenas um pouco mais clara devido aos traços que herdei dos meus pais. Você é linda, e a cor da sua pele é maravilhosa; eu até gostaria de ter a cor igual à sua." Foi nesse momento que comecei a explicar a ela sobre genética, pois ela também questionava a tonalidade da pele de seus irmãos, que eram mais claras que a dela. Ao indagar "por que meu irmão é branco e eu não?", eu explicava que eles haviam "puxado" para mim, que sou mais clara, enquanto ela herdou a tonalidade do pai. Eu sempre reforçava que "a cor dela é linda como a do seu pai". Meu esposo, ao presenciar esses diálogos, também fortalecia esse argumento, destacando que ela não apenas compartilhava a mesma cor, mas também características como agilidade, rapidez e força. Foi então que Maria Rita mudou sua perspectiva, refugiando-se e

fortalecendo-se nas palavras do pai: "Eu sou assim porque sou igual ao meu pai", pronunciando isso com brilho nos olhos.

Maria Rita não questiona mais a cor de sua pele; ela encontrou representatividade em casa, especialmente através de seu pai. Ele se tornou uma fonte de inspiração e refúgio para ela em um mundo muitas vezes dominado pela predominância branca.

Esta pesquisa surge inicialmente a partir das experiências vivenciadas com minha filha. Seu objetivo é conduzir uma investigação aprofundada sobre o ensino de artes visuais sob a perspectiva do letramento racial. A intenção é ir além da superfície, analisando como as questões raciais permeiam o ensino e a aprendizagem, e delineando estratégias antirracistas que podem ser efetivamente integradas ao planejamento do componente curricular de Arte/Artes Visuais. Assim, este estudo alinha-se ao objetivo maior de compreender, à luz de algumas teorias, como é possível reduzir preconceitos e discriminações, contribuindo para uma educação mais equitativa e representativa.

Na abordagem metodológica desta pesquisa, será utilizada a metodologia de pesquisa bibliográfica, uma ferramenta essencial para investigar a interseção entre letramento racial e o ensino de Arte/Artes Visuais. Por meio dessa análise de fontes existentes, como publicações, livros e artigos científicos, busco compreender e contextualizar historicamente os tensionamentos que artistas e arte/educadores têm abordado em suas práticas relacionadas ao combate ao racismo. Meu objetivo é identificar teorias e conceitos pertinentes ao combate ao racismo, explorando o potencial papel da Arte/Educação antirracista no ensino das Artes Visuais. Diante desse contexto, a pergunta problema que guia esta investigação é: **Como as estratégias antirracistas, discutidas na literatura especializada, podem ser efetivamente incorporadas no ensino de Artes Visuais, promovendo a conscientização sobre as questões raciais e contribuindo para a criação de um ambiente educacional mais inclusivo e igualitário?**

A análise do aumento e disseminação do racismo e da desigualdade racial no contexto escolar revela a complexidade de um ambiente que, paradoxalmente, deveria promover igualdade e inclusão. A persistência de um sistema educacional que favorece uma determinada etnia em detrimento de outra suscita a necessidade de compreender as raízes e dinâmicas desse fenômeno. Indagações sobre as consequências a longo prazo dessa abordagem pedagógica tornam-se essenciais, pois não apenas delineiam a trajetória dos indivíduos afetados, mas também lançam luz sobre o impacto na comunidade escolar preta. Explorar tais questões não só possibilita a identificação de falhas estruturais, mas também fornece subsídios fundamentais

para a promoção de um ambiente educacional mais equitativo, onde o combate ao racismo é uma prioridade incontestável.

Nesse contexto, respaldada pelas obras de autores e autoras, como por exemplo: "Culturas Africanas e Afro-Brasileiras em Sala de Aula" (FELINTO, 2012), "Reflexões artístico-filosóficas sobre a Indústria Cultural" (NJERI, 2022), e "Denegrindo a educação: um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade" (NOGUERA, 2012), pretende-se abordar a complexidade do ensino de Artes Visuais no contexto racial, investigando não apenas as manifestações explícitas de discriminação, mas também as sutilezas presentes na estrutura educacional. Essas obras, ao dialogarem entre si e com outras fontes relevantes, fornecem um arcabouço teórico robusto para analisar criticamente as dinâmicas que perpetuam a desigualdade racial no âmbito educacional, buscando, assim, fundamentar propostas e ações que conduzam a um ambiente escolar pluriversal.

Nesse cenário, a presente pesquisa almeja revelar as complexidades da interseção entre letramento racial e o ensino de Arte/Artes Visuais, valendo-se da metodologia de pesquisa bibliográfica como instrumento para aprofundar a compreensão dessas dinâmicas. Ao examinar as contribuições de artistas e arte/educadores no enfrentamento do racismo, busca-se não apenas identificar teorias e conceitos pertinentes, mas também explorar o potencial transformador da Arte/Educação antirracista no contexto educacional. A pergunta problema que orienta esta investigação é apenas o ponto de partida para uma análise minuciosa, visando contribuir para a construção de um ambiente educacional mais inclusivo, equitativo e representativo. Ao longo deste estudo, pretende-se instigar uma reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas, reconhecendo como a Arte/Artes Visuais, sob uma perspectiva decolonial, pode tensionar o ambiente educacional desde suas estruturas hegemônicas, em direção a um ensino de arte que protagoniza uma prática respeitosa de todas as humanidades.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 A ausência de representatividade afro-brasileira na sociedade**

O Brasil, caracterizado por sua diversidade étnica, é lar de uma mistura única de raças e culturas. A nação abriga uma população majoritariamente miscigenada, resultado do encontro entre indígenas, europeus e africanos ao longo de sua história. A predominância racial no país é multifacetada, refletindo a complexidade das relações raciais brasileiras.

É evidente em diversos aspectos sociais a influência da miscigenação, desde a cultura até a identidade nacional. Apesar da aparente miscigenação, persistem desafios relacionados à desigualdade racial, com marcantes disparidades socioeconômicas e principalmente educacionais entre diferentes grupos étnicos. A discussão sobre a predominância racial no Brasil requer uma abordagem sensível e crítica, reconhecendo as nuances históricas e sociais que moldaram a atual configuração demográfica do país.

Antes de adentrar na pesquisa, é essencial esclarecer a origem do tema desta monografia. Recentemente, a pesquisadora deparou-se com uma pergunta intrigante feita por sua filha, Maria Rita: "Mamãe, por que sou dessa cor?". Ao atingir a fase em que começou a compreender sua identidade, Maria Rita expressou uma série de questionamentos ao notar a diferença de cor de sua pele em comparação com as princesas nos filmes, suas bonecas e as representações femininas em sua família, incluindo suas tias. Essa indagação pessoal tornou-se o ponto de partida inspirador para a investigação sobre as dinâmicas raciais no ensino de Artes Visuais na Educação Básica, buscando proporcionar uma compreensão mais abrangente das experiências vividas por estudantes em processo de construção de identidade racial.

Essa diferença também se destacava em relação à cor da pele da pesquisadora. A pesquisadora é uma mulher não branca, que se casou com um homem preto, resultando em três filhos. O primogênito nasceu com a pele clara, Maria Rita, a filha do casal, possui a pele escura, semelhante à do pai, e o caçula também apresenta pele clara. Essa situação despertou a necessidade de explorar questões relacionadas à identidade racial e as experiências vivenciadas por Maria Rita, que refletem dinâmicas familiares e sociais mais amplas.

Quando Maria Rita percebeu essa discrepância, ela montou um "quebra-cabeça" em sua mente, unindo todas as peças e questionando sua mãe, expressando insatisfação e rejeição próprias. A mãe sentiu uma profunda angústia ao ouvir isso, mas respondia que não havia problema algum com o tom de sua pele, enfatizando a beleza de Maria Rita. No entanto, a aceitação não ocorreu imediatamente; apesar dos esforços da mãe em promover uma autoestima positiva e enaltecer a cor da pele da filha, esse processo de aceitação persiste até os dias atuais.

A relação da mulher negra brasileira com a sua imagem nos apresenta um esboço da complexa realidade das relações raciais que permeiam a sociedade brasileira. Para além do caráter biológico, o corpo se inscreve e se constrói, culturalmente e historicamente, no meio social. Portanto, o espaço escolar é constituído por diversas identidades sociais e culturais, dentre eles - de gênero, de geração, de pertencimento étnico-racial. (RODRIGUES, 2012, p. 64)

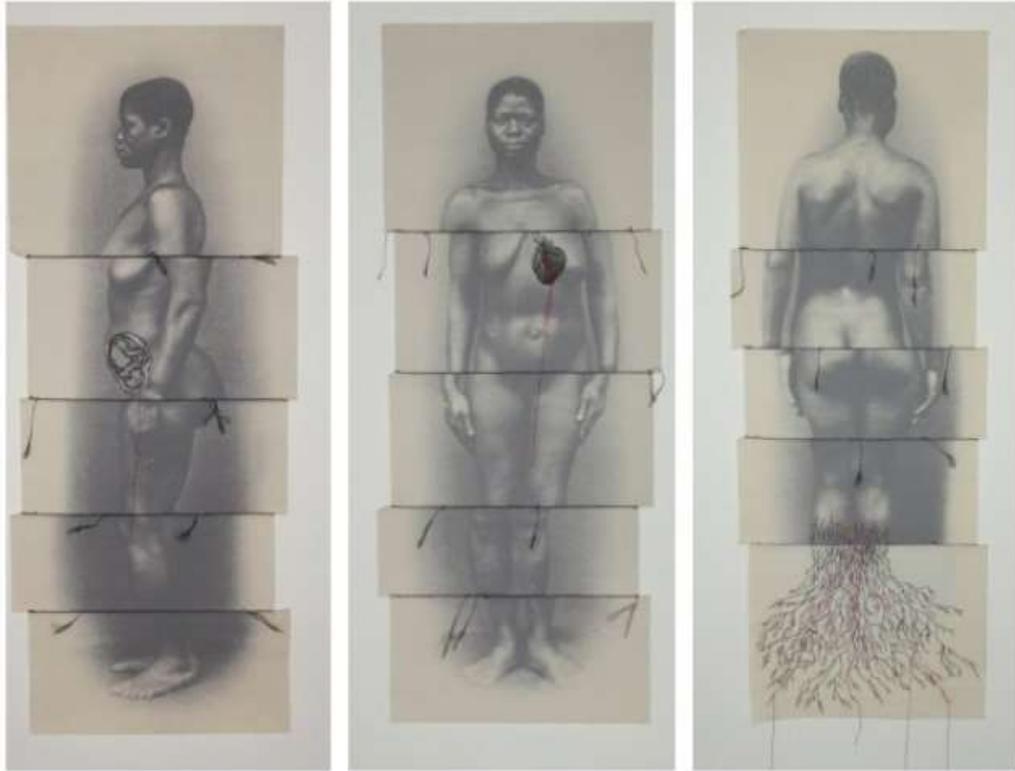
De acordo com Bispo (2012, p. 89), ao citar Rosana Paulino, artista brasileira reconhecida por sua produção ligada às questões sociais, étnicas e de gênero, desde o início de sua carreira, a infância da artista está presente em seus trabalhos. A falta de representatividade negra em bonecas, heroínas e princesas, bem como nas famílias retratadas em comerciais e livros escolares, levou-a a refletir sobre a invisibilidade da mulher negra na sociedade brasileira, incentivando-a a discutir essa questão.

Rosana Paulino, como artista vem se destacando por sua produção ligada a questões sociais, étnicas e de gênero. Seus trabalhos têm como foco principal a posição da mulher negra na sociedade brasileira e os diversos tipos de violência sofridos por esta população decorrente do racismo e das marcas deixadas pela escravidão.

A artista em questão tem suas obras em exibição em museus de renome, como MAM – Museu de Arte Moderna de São Paulo; Pinacoteca do Estado de São Paulo; MASP – Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand; Malba – Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires; UNM – University of New Mexico Art Museum, New Mexico, USA e Museu Afro-Brasil, São Paulo. Tem participado ativamente de diversas exposições, tanto no Brasil como no exterior, destacam-se ainda as participações nas exposições coletivas em bienais.

Além disso, ele tem participado ativamente de várias exposições, tanto no Brasil quanto no exterior, incluindo participações em exposições coletivas em bienais. Isso indica um reconhecimento significativo e uma presença sólida no cenário artístico internacional.

Figura 1: Assentamento, 2013, de Rosana Paulino



Fonte: Rosana Paulino, 2023.

A trajetória pessoal de Rosana Paulino aparece por várias vezes em suas obras por meio de retratos de família, memórias do bairro Freguesia do Ó (SP), patuás, escapulários, estandartes religiosos, entre outras referências. Entrelaçar biografia e história parece ser o foco das obras que apresentam não apenas a vida privada da artista através de suas referências, mas principalmente o plano social e político mais amplo.

Na série “bastidores”, Rosana discute a condição da mulher negra na sociedade brasileira a partir de imagens que expressam a supressão de direitos elementares. “Linhas que modificam o sentido, costurando novos significados” (PAULINO, 2015).

Figura 2: Série Bastidores de Rosana Paulino, 1997



Fonte: Esquerda Diário, 2015

No caso de Rosana, em sua época, não existia representatividade de bonecas negras como temos hoje em dia. Era difícil encontrar uma representação que se parecesse com ela. Mas hoje, as coisas mudaram. Temos uma variedade muito maior de bonecas e personagens negros, o que é uma mudança positiva. Isso mostra que houve avanços em termos de representatividade, mas ainda há muito a ser feito para combater a invisibilidade negra em diferentes aspectos da sociedade.

Da mesma forma, a pesquisadora percebeu que não ajudaria Maria Rita comprando bonecas brancas e loiras, ou permitindo que ela absorvesse informações que exaltassem a cor branca. Fazia-se necessário pensar em outras estratégias, proporcionando a Maria Rita acesso à verdadeira história de pessoas pretas e sua significativa contribuição para a construção do Brasil. Isso incluía familiarizá-la com representações negras empoderadas tanto contemporâneas quanto históricas, permitindo que ela se sentisse representada e pudesse se projetar nessas figuras.

A identidade de um indivíduo tem seu início no processo que se dá a partir do seu olhar para si próprio e do olhar do "outro" para ele. Por isso podemos entender que o processo identitário é tanto individual quanto coletivo e sempre engendra instâncias conflituosas. A identidade não somente demarca a existência de um indivíduo no mundo, mas também direciona a maneira como ele vai se socializar. Logo, a identidade do negro está intrinsecamente ligada à sua relação com o seu próprio corpo, no qual foram inscritos, ao longo da história, valores e crenças negativas que tendem a depreciá-lo. (RODRIGUES, 2012, p. 61)

Em suma, o processo de formação da identidade começa com a percepção de si mesmo e dos outros, sendo um fenômeno tanto individual quanto coletivo, frequentemente marcado por conflitos. A identidade não apenas define a presença de um indivíduo no mundo, mas

também influencia sua integração social. Por sua vez, a identidade do negro está intimamente ligada à percepção de seu próprio corpo, que historicamente carrega estigmas e preconceitos.

Isso é evidenciado na performance "Cabelo bombril" de Priscila Rezende, na qual a artista utiliza seus cabelos para interagir com objetos metálicos, incluindo o icônico produto doméstico conhecido por seu uso pejorativo para se referir à uma característica do indivíduo negro, o cabelo. Essa expressão artística ilustra de maneira visual a complexa interação entre identidade, representação social e experiência negra contemporânea.

Figura 3: Bombril - 2010, performance de Priscila Rezende.



Fonte: Fotos de Priscila Rezende, 2010.

Após discutir a performance de Priscila Rezende como um exemplo visual da interseção entre identidade e representação social na experiência negra contemporânea, é importante destacar outras narrativas que também abordam essa complexa dinâmica. Um exemplo notável é o relato da atriz Samara Felippo, que compartilhou sua experiência no site do Ninhos do Brasil, cujo tema era “Muito além dos cachos: ser branca, mãe de crianças pretas”. Samara descreve um episódio ocorrido com sua filha mais velha, Alicia, de 7 anos. Em um domingo em sua casa no condomínio de classe alta, a menina expressou o desejo de alisar o cabelo. A expressão simples da filha provocou na mãe uma conscientização sobre a presença do racismo estrutural em nosso cotidiano. Essa percepção levou a mãe a compreender a importância de agir contra essa realidade, em vez de simplesmente conformar-se com as normas brancas da sociedade. Ao questionar a filha sobre sua escolha, ela respondeu que queria alisar o cabelo porque todas as suas amigas tinham cabelo liso e ela se sentia diferente. É fundamental e urgente que se ensine às crianças, desde cedo, a importância do combate ao racismo. Esse ensinamento

não apenas auxilia as crianças negras a se protegerem, mas também possibilita que as crianças brancas compreendam a importância da igualdade racial, afirmou a atriz (FELIPPO,2022)

Sou branca, e mãe de crianças pretas. E é sobre isso que escrevo hoje. Sempre me perguntam: “Mas como, quando e por que devo ensinar meu filho o que é racismo? Mas as crianças são tão pequenas! Eu te respondo essa rápido: se você não ensinar, eles aprenderão com a sociedade, e vivemos numa sociedade extremamente racista. “Ah, mas eu não sou racista” Ok, então aplico aqui a frase de Angela Davis: “Não adianta não ser racista, é preciso ser antirracista.” (FELIPPO, 2022)

Para elevar a autoestima de crianças negras, Samara criou o canal "Muito além de Cachos" no YouTube, combinando sua vontade de ser youtuber com o desejo de promover informação e empoderamento. O canal não apenas aborda a beleza e cuidados com cabelos cacheados e crespos, mas também oferece representatividade, destacando mulheres negras empreendedoras, artistas, cientistas e outras figuras inspiradoras que compartilham semelhanças físicas com sua filha. O objetivo é mostrar a ela e a outras meninas negras como elas pertencem e ocupam espaços de poder e autoestima (FELIPPO, 2022).

Outro fato semelhante aconteceu com a artista Negra Li (2021), sua filha Sofia tinha quatro anos quando voltou da escola dizendo que uma menina disse que o cabelo dela era feio. Antes de falar qualquer coisa, a mãe ficou em silêncio por alguns segundos, já imaginava que um dia ela pudesse passar por isso, pois sabia bem o que era ouvir isso no colégio, mas sua filha não estava preparada. Afinal, ela tinha apenas quatro anos. Na hora, teve a ideia de perguntar a ela se estava de acordo com a menina, se ela também achava que o cabelo dela era feio. Ela disse que não. Continuou perguntando quantas vezes ela já tinha ouvido o quanto o cabelo dela era lindo, e ela respondeu dizendo que muitas vezes, praticamente todos os dias.

Negra Li (2021) explicou sobre gostos e ensinou-a que cada indivíduo tem sua beleza única. A grosseria da menina não foi aprovada por elas, e compartilharam a experiência de enfrentar preconceitos por serem mulheres negras. A artista acredita na importância da educação para combater o preconceito. “Sim, preconceito é falta de educação, você não é obrigado a gostar de alguém, da posição ou religião, mas tem que respeitar!” (LI, 2021), finalizou.

As propagandas de cabelo no Brasil historicamente promoveram padrões de beleza que valorizavam cabelos lisos, incentivando o alisamento como uma norma estética. Isso refletia a falta de representatividade negra na mídia, perpetuando a ideia de que apenas cabelos lisos eram considerados bonitos e aceitáveis. Ao longo dos anos, houve avanços na inclusão de representatividade negra, com campanhas que celebram a beleza e diversidade dos cabelos

cacheados e crespos. No entanto, ainda persistem desafios na desconstrução desses padrões eurocêntricos e na promoção da auto aceitação dos cabelos naturais entre as pessoas negras.

Figura 4: Manual do Homem Moderno, o canal de conteúdo masculino mais completo.



Fonte: @ManualdoHomemModerno.youtube

Figura 5: A Revolução na indústria de cosméticos para cabelos crespos.



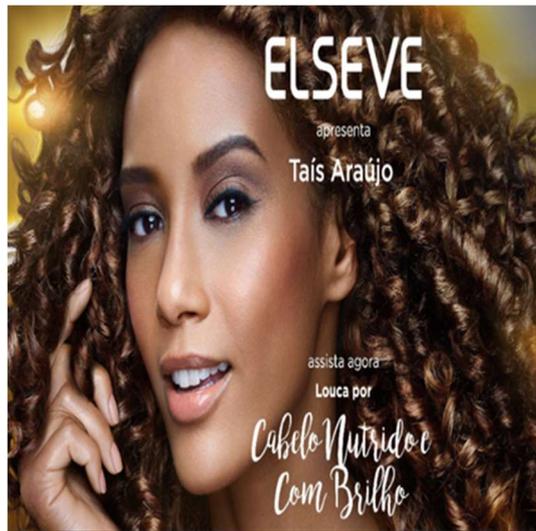
Fonte: Blog cacheia.com

Figura 6: Propaganda de produtos para cacheadas



Fonte: L'oréal Paris.youtube

Figura 7: Propaganda de Produto de beleza com mulher negra.



Fonte: L'oréal Paris.youtube

Realidade contínua enfrentada pela comunidade negra, especialmente no que diz respeito aos padrões de beleza impostos pela sociedade, que historicamente favoreceram características eurocêtricas, como cabelos lisos. Esses padrões criam pressões para que as pessoas negras modifiquem sua aparência para se enquadrarem em uma norma que não reflete a diversidade étnica e cultural.

Em termos de representatividade na escola, a Jornalista e modelo Letícia Costa, ao ver a filha de apenas três anos ser vítima de racismo na escola, onde é a única criança negra, fez a mesma reviver diversas situações onde também foi vítima dessa violência. A filha ouviu de uma colega de classe que o cabelo dela era "feio", que não "servia para fazer penteado" e riu da criança. "É muito triste, muito revoltante, eu perdi o sono quando isso aconteceu com a minha filha. [...] A gente percebe como o racismo é enraizado e como ele é perverso", destacou.

Situação, que levou a mãe a criar um grupo de apoio à mães. “A questão da identidade é muito importante nessa fase que ela está. [...] O grupo é uma estratégia de aquilombamento, porque ali quando as crianças estão juntas, elas se vêem uma na outra e estão livres de qualquer preconceito sobre a pele e cabelo delas, é sobre criar um espaço seguro para nós”, destacou.<sup>2</sup>

'Escravo', 'urubu': assim foram chamadas as crianças vítimas de racismo; denúncias passam de 3 mil em escolas estaduais em SP em 2023. Casos de bullying e humilhação também cresceram nos últimos anos. Número obtido com exclusividade pela reportagem do SP1, via Lei de Acesso à Informação, e alerta para a gravidade do problema dentro do ambiente escolar no estado. Para além da denúncia, as famílias precisam percorrer um longo caminho para provar os casos de racismo contra seus filhos.

Mais de 3 mil denúncias de discriminação em escolas estaduais de São Paulo foram registradas somente em 2023. Os casos aumentaram 500% nos últimos 5 anos. Foram 3 mil processos administrativos abertos pela Secretaria da Educação sobre discriminação em geral.

Dentre eles, uma aluna de seis anos foi agredida e o diretor da Escola Estadual Adelina Issa Ashcar, na Zona Sul de São Paulo, perdeu o cargo após a mãe da aluna de 6 anos denunciar omissão por parte do colégio. A criança foi vítima de agressão e racismo e transferida da escola<sup>3</sup>.

Outro caso foi com o aluno de 12 anos chamado de escravo. Luiz Fernando de Jesus, pai de um adolescente de 12 anos, fez dois boletins de ocorrência por conta das ofensas que o filho sofreu por colegas de classe na Escola Municipal Ângelo Rafael Pellegrino, em São Caetano do Sul, na Grande São Paulo. "Todas as vezes que aconteceram, a gente procurou a direção da escola, a coordenação, para buscar uma solução. Todas às vezes, ignoraram", disse. "As agressões continuaram a ponto de o aluno se sentir à vontade de chegar para meu filho e dizer se ele não queria ser o escravo de estimação dele", contou o pai.

Por outro lado, temos uma a história de uma mãe negra que decidiu desde cedo falar sobre a realidade do racismo com seus filhos. Quando os filhos ainda eram crianças, a arquiteta e escritora Joice Berth começou a falar sobre racismo com eles. Para ela, foi também uma forma de reparar uma dificuldade que enfrentou no seu passado: a falta de diálogo sobre o tema. Joice, atualmente com 46 anos, compartilhou sua experiência de ter sofrido racismo na infância e adolescência, destacando a vulnerabilidade das crianças negras nesse contexto. Ela observou

---

<sup>2</sup> Matéria obtida do G1, em 22/02/2024.< <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2023/11/20/apos-filha-de-3-anos-ser-vitima-de-racismo-mulher-cria-coletivo-de-maes-negras-em-curitiba-racismo-enraizado-e-perverso.ghtml> >

<sup>3</sup> <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/10/10/mais-de-3-mil-boletins-de-ocorrencia-de-casos-de-racismo-em-escolas-estaduais-de-sp-foram-registrados-em-2023.ghtml>. Pesquisa realizada em 22/04/24.

que, embora seus pais tenham oferecido alguma orientação sobre o racismo, essa abordagem não foi tão aprofundada. Joice enfatizou que a consciência do racismo é algo presente na vida de todas as pessoas negras, mesmo daquelas que tentam negar ou evitar discutir o assunto com profundidade (LEMOS, 2022).

Mãe de quatro filhos, um homem e três mulheres, com idades entre 26 e 20 anos, ela conta que as conversas com os filhos desde pequenos foram uma maneira de tentar alertar sobre situações que poderiam enfrentar. Joice descreveu o processo de conversar com seus filhos sobre racismo como algo "um processo natural", enfatizando que, embora não devesse ser necessário, é uma realidade inevitável enquanto o racismo persistir na sociedade. Ela ressaltou a importância de enfrentar o problema de frente, adotando uma abordagem prática para resolver questões relacionadas ao racismo. Joice explicou que é fundamental abordar a realidade do racismo e apresentar exemplos positivos de pessoas negras que são admiradas. Além disso, ela destacou a ênfase dada à autoestima e à escuta das reivindicações de seus filhos. Conforme os filhos cresciam, diz Joice, as conversas sobre o tema ficavam mais profundas. “Por isso faço o que for preciso para que meus filhos tenham uma boa base de educação” (LEMOS, 2022).

Assim como Joice relatou anteriormente, os afrodescendentes, pardos, negros, devem ter um preparo para encarar o mundo real, o preconceito estrutural, nas palavras de Aza Njeri (2019, p.7): “[...] uma educação antirracista e emancipadora deve preparar o sujeito negro para ser lúcido e crítico diante desta realidade, permitindo a sua autodeterminação e autoproteção enquanto ser humano [...]”.

No decorrer dos tempos houveram avanços legais para uma educação antirracista: lei 10.639/03 e 12.711/12. Em 2003 foi sancionada a Lei 10.639 que tornou obrigatório o ensino de cultura Afro-brasileira e oficializou o dia 20 de novembro como “Dia da Consciência Negra”.

Como é de se imaginar, tal lei não foi criada da noite para o dia. Para que fosse necessário se pensar na igualdade racial em ambiente escolar houve muita luta, como a dos movimentos negros. Gomes (2012, p. 735) aborda a importância dos movimentos sociais para reformulação das leis educacionais, ressaltando que:

A educação tem merecido atenção especial das entidades negras como um direito paulatinamente conquistado por aqueles que lutam pela democracia, como uma possibilidade a mais de ascensão social, como aposta na produção de conhecimentos que valorizem o diálogo entre os diferentes sujeitos sociais e suas culturas e como espaço de formação de cidadãos que se posicionem contra toda e qualquer forma de discriminação.

A educação é um mecanismo de ascensão social, da qual possibilita a apreciação, valorização e enriquecimento da cultura, da vida e da comunidade da qual este aluno faz parte.

A população negra, primeiro não tinha acesso à educação, isso mudou, mas ainda não havia representatividade nos materiais didáticos, não se era trabalhado sobre sua cultura, deste modo os afrodescendentes não se reconheciam dentro desta educação que lhes eram oferecidas. A Lei 10.639/03 sancionada pela presidência da república do Brasil, deixou evidente o quanto lenta foram as conquistas educacionais para a população negra, aproximadamente 115 anos depois da abolição da escravidão.

Diante dessas experiências destacou-se a importância de abordar o racismo e, sobretudo, o antirracismo. A narrativa da escravidão, comumente apresentada nas escolas, ao invés de denunciar o sistema escravocrata, marcado pela violência dos senhores e pelo sequestro de pessoas na África, acaba por retratar toda uma população negra como submissa, desprovida de voz, destinada apenas a receber e executar ordens.

Essa representação ou a falta dela, ao longo do processo de ensino e aprendizagem, contribui para a perpetuação de estereótipos negativos desde a abolição da escravidão. Automaticamente, a sociedade tende a evitar identificações com a história e origens negras, muitas vezes associando-as a sentimentos de vergonha, dor e humilhação. E ainda hoje, a luta continua, pela igualdade racial, combate ao racismo, a segregação, tudo por uma educação antirracista que será tratado nesta pesquisa.

### 2.1.1 Narrativas sobre como a raça é representada nas artes visuais e no campo educacional ao longo do tempo

O primeiro contato com a sociedade, fora do ambiente familiar, é a escola, nela se desenvolvem a percepção geral de mundo, possibilita amadurecimento intelectual e a formação da cidadania, e seriamente, auxilia na construção da identidade do corpo discente. Segundo Aza Njeri (2019) tragicamente, na escola também as crianças não brancas têm seu primeiro contato com uma triste realidade presente no âmbito escolar, o racismo, assim como a discriminação e a exclusão racial.

A escola é, ainda hoje, uma experiência traumática na vida das pessoas que não se adequam ao padrão ocidental de humanidade. Ocidente é tudo o que se assemelha ao 'homem cis', loiro, branco, alto, de olhos claros, e tudo o que se distancia disso torna-se marginalizado ou suprimido, em outras palavras, mais ou menos humano (NJERI, 2019, p. 5).

No ensino de Artes Visuais, observa-se uma prevalência da branquitude, onde a maioria dos artistas brancos protagonizam os movimentos artísticos ao longo dos anos. Há uma notável falta de ênfase ou, em alguns casos, quase nenhuma abordagem de temas relacionados aos negros. Exceto por capítulos específicos, onde são abordados de maneira pontual assuntos como "Arte negra" ou "afro-brasileira", muitas vezes apenas para cumprir a obrigatoriedade estabelecida pela Lei 10.639/03, que trata do ensino da história e cultura africana nas escolas (SANTOS, 2022).

Os artistas negros que fizeram história na arte brasileira, são pouco estudados e pouco conhecidos, sua contribuição para o ensino e seu exemplo de força e superação não são mencionados, "diversos artistas negros estiveram presentes no quadro da academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. Filhos de escravos ou de negros e mulatos livres, esses artistas negros participaram das principais correntes estéticas e criaram obras de pronunciada relevância." (SOUZA, 2012, p. 77)

Estudar esses artistas, compreender os movimentos e sua contribuição para a Arte brasileira, bem como sua importância na construção do Brasil, teria um impacto significativo na forma como a comunidade negra é percebida e como ela se percebe. A representatividade desempenha um papel crucial na construção da identidade, pois também é através da visualização que uma pessoa se projeta.

Embora não haja uma solução simples para o racismo na escola, é essencial que os educadores transformem sua própria visão para lidar com essa questão, corrobora Joyce Maria Rodrigues (2012, p. 65):

[...] O objetivo deste texto não foi ensinar uma fórmula mágica para o professor reagir diante de situações de discriminação e preconceito racial existentes na escola, mas possibilitar a compreensão e reflexão sobre o processo de construção da identidade da mulher negra. É imprescindível que o docente construa estratégias e práticas pedagógicas para lidar com o racismo no ambiente escolar, através da transformação do seu próprio olhar.

Se a imagem do negro se limita à sua representação na escravidão ou nas capas de noticiários policiais, ele terá como reflexo a internalização de estereótipos prejudiciais, perpetuando uma visão limitada e distorcida da comunidade negra. O estudo aprofundado desses artistas e movimentos oferece uma oportunidade valiosa de ampliar e enriquecer a representação negra no âmbito artístico e, por conseguinte, na sociedade em geral.

Ao romper com narrativas restritivas, é possível proporcionar um entendimento mais aberto e respeitoso das contribuições da comunidade negra para a cultura e história do Brasil. Dessa forma, a Arte/Educação torna-se uma área de conhecimento essencial na promoção da diversidade e no fortalecimento de uma identidade positiva para a comunidade negra.

Não se percebe, de maneira alguma, que é necessário falar sobre o assunto, não só uma vez por ano, na semana da consciência negra. Muito mais do que isso, é enegrecer o espaço escolar, com práticas pedagógicas antirracistas, dar a devida ênfase, uma vez que 56% do total da população brasileira se autodeclararam pretas e pardas (IBGE, 2022).

Nesse contexto, de acordo com Njeri, (2019, p. 5) que diz:

Acredito, portanto, que inserir na prática pedagógica as contribuições dos não-brancos para humanidade e expandi-la através de perspectivas não eurocêtricas [...] torna o processo de ensino e aprendizagem e a socialização escolar menos traumáticos, mais plurais e emancipadores.

A prática pedagógica em questão visa promover uma 'educação antirracista e emancipadora'. Conforme Njeri (2019, p. 7), tal abordagem busca "preparar o sujeito negro para ser lúcido e crítico diante desta realidade, permitindo sua autodeterminação e autoproteção enquanto ser humano".

Focando a defesa da pluriversalidade, que é a ideia de reconhecer e valorizar múltiplas perspectivas e formas de conhecimento. A proposta apresentada destaca a necessidade de uma educação antirracista que reconheça e promova essa pluriversalidade. Isso envolve um exercício filosófico antirracista, que inclui "denegrir" o pensamento e o território epistêmico, ou seja, questionar e desafiar ideias e estruturas de conhecimento que reproduzem o racismo e a exclusão.

Ao fazer isso, busca-se amplificar a capacidade criativa e regeneradora como método, enfatizando a importância de abordagens que promovam a diversidade e a inclusão no processo educacional. Para Renato Nogueira, (2012, p. 69) "Denegrir é pluriversalizar as abordagens, revitalizando ou regenerando as redes de relacionamentos políticos, econômicos, etnicorraciais, de gênero, exercícios de sexualidade etc".

Nogueira (2012) destaca a valorização da negritude ao sugerir que a "negrura", ou seja, a condição de ser negro, não deve ser vista apenas sob uma ótica negativa, mas sim como algo positivo e fecundo. Ao associar a negritude à fertilidade, criatividade, capacidade de gestação, nascimento e florescimento de vida, Nogueira busca desconstruir estereótipos negativos associados à identidade negra. Essa perspectiva valoriza a diversidade cultural e étnica,

reconhecendo as contribuições significativas que as comunidades negras têm para oferecer à sociedade.

Para Noguera (2012, p. 67-68) denegrir como conceito filosófico “é definido como regeneração. Ou seja, tornar-se negra, tornar-se negro significa revitalizar a existência”. Essa afirmação reforça a ideia de valorização da negritude. O autor sugere que o conceito de "denegrir" não deve ser entendido apenas como algo negativo, mas sim como um processo de regeneração e revitalização da existência. Portanto, ao associar a negritude à regeneração e revitalização, Noguera destaca a importância de reconhecer e celebrar a identidade negra como algo positivo e enriquecedor. “Denegrir tem como alvo o abandono das disputas de controles de bens materiais e imateriais, visando uma cooperação e construção compartilhada dos poderes”. (NOGUERA, 2012, p. 69)

Percebendo a necessidade de contribuir com a prática pedagógica na luta antirracista no âmbito epistemológico, Njeri (2019) destaca a importância da abordagem do paradigma da afrocentricidade, elucidado por Asante (2014). Nesse sentido, a afrocentricidade é entendida como uma perspectiva filosófica que busca a descoberta, localização e realização da agência africana dentro do contexto da história e cultura.

Conforme Njeri (2019) destaca, a agência implica que todas as ações que envolvem a população africana diaspórica e continental, em diversos âmbitos como política, economia, guerra, sociedade, cultura, arte, educação, espiritualidade, psicologia e conhecimento, devem ser baseadas em suas próprias experiências e desenvolvimentos.

Dessa forma, acessaríamos ainda nas fases de aprendizagem infanto-juvenil, informações sobre grandiosidade do império do Mali, tal qual aprendemos sobre o Império Romano, leríamos nas creches as obras infantis de Livia Natália, Ondjaki, Bell Hooks assim como lemos as de Ruth rocha e Ana Maria Machado; aprenderíamos geometria a partir da etnomatemática; além de cantarmos no recreio canções de jongo junto da “ciranda-cirandinha”. (NJERI, 2019, p. 8)

Njeri expressa a ideia de que a exposição a diversas perspectivas e experiências enriquece o conhecimento e a aprendizagem. Ele sugere que esse processo beneficia não apenas crianças afrodescentes, mas também crianças brancas, tornando-as mais respeitadas, éticas, empoderadas e tolerantes. “Acredito que os ganhos de conhecimento de mundo e a aprendizagem aguçam-se a partir da multiplicidade de abordagens e faz com que tanto crianças negras e pardas, quanto as brancas tornem-se respeitadora, éticas, empoderadas e tolerantes” (NJERI, 2019, p. 8).

E as crianças não-negras que acessarão a educação, compreenderão que o mundo não gira em torno de si, seus valores e culturas, fazendo com que cresçam com mais empatia, menos racistas e conscientes de seu papel no mundo. (NJERI, 2019, p. 7)

Renato Nogueira (2012) propõe que "denegrir" a educação é um esforço para revitalizar perspectivas negligenciadas, questionar normas estabelecidas, reformular currículos, repensar avaliações e desafiar a imposição de um suposto conhecimento como padrão, que pode marginalizar aqueles que não se encaixam nesse molde. Essa abordagem busca promover uma educação mais inclusiva e diversificada.

Neste sentido, pluriversalidade pedagógica pode trazer, em se tratando de sala de aula, um conjunto de novas alternativas para o aprendizado. Por exemplo, numa pedagogia pluriversal cabem usos de etnomatemática<sup>4</sup>, permitindo que uma sala de aula de geometria possa ser o ensaio coreográfico, isto é, desfazer os limites entre o que seria a ordem cognitivo intelectual- matemática- e o que é da ordem psicomotora- dança, a educação física. (NOGUERA, 2012, p. 71)

Njeri (2019) relata que durante a quinta série, ela não teve professores negros, apenas brancos. Ao estudar o Egito, foi privado de informações emancipatórias sobre essa região africana, considerada o berço da civilização, além de não poder localizar o Egito no mapa e compreender sua localização na África, ela foi levada a acreditar em uma narrativa histórica distorcida. Isso resultou na reprodução de informações depreciativas e incorretas sobre a história de um povo negro-africano, que na verdade detinha conhecimento e tecnologia altamente sofisticados. “Não me foram apontadas informações pertinentes para a localização e perspectiva daquele espaço e daquela civilização. Fatos como a alta concentração de melanina na população egípcia, cujo nome africano é Kemet [...]” (NJERI, 2019, p.9)

Eu poderia escrever um ensaio sobre a dominação simbólico-linguística imposta pela Europa<sup>5</sup> na África; ou a presença de gregos estudando nas escolas egípcias/Keméticas compreendidas como templos da sapiência e evolução, ajudariam a nossa experiência de aprendizado nesse tema de forma instigante e movimentadora da consciência crítica. (NJERI, 2019, p. 9)

A história negligenciou a influência dos povos negros na filosofia e no desenvolvimento do conhecimento de alta tecnologia. Nesse contexto, a omissão é particularmente evidente quando se considera a falta de reconhecimento das viagens ao Egito realizadas por figuras proeminentes como Sócrates, Aristóteles e outros filósofos pré-socráticos em busca de

---

<sup>4</sup> A consideração da diversidade cultural é umas das chaves da etnomatemática propondo modos distintos para resolver os mesmos problemas, recusando o “método” único e a lógica exclusiva da matriz ocidental.

<sup>5</sup> Entendo o poder da linguística na reflexão de categorias, neste artigo a ausência de letras maiúsculas em substantivos próprios ocorre pelo não reconhecimento simbólico que este substantivo traz. (NJERI, 2019, p. 1)

educação. Embora essas viagens possam ser consideradas excepcionais, elas eram, de fato, uma prática comum entre os estudiosos que tinham os recursos necessários. Segundo George James,

Em relação a Sócrates e Aristóteles e a maioria dos filósofos pré-socráticos, a história parece ser omissa sobre a questão da sua viagem para o Egito (...) com o propósito de sua educação. É o suficiente dizer que, neste caso, as exceções provaram a regra, que todos os estudantes, que tinham os meios, foram para o Egito pra completar sua educação. (*apud* NJERI, 2019, p. 9)

Esta ausência de menção a essas influências do povo africano, intercâmbios culturais sublinha a necessidade de uma revisão crítica da narrativa histórica predominante, a fim de reconhecer e valorizar plenamente as contribuições dos povos negros para o desenvolvimento do pensamento filosófico, artístico, cultural, religioso e tecnológico ao longo da história.

Em uma sociedade plurirracial, Felinto (2022) destaca a necessidade premente de os currículos educacionais, abrangendo desde a educação infantil até o ensino superior, refletirem as participações e contribuições de todos os povos que historicamente compõem a diversidade do povo brasileiro, é necessário lidar com isso de forma imediata ou prioritária.

De acordo com Felinto (2022), no que diz respeito ao sistema artístico, é notável a falta de representatividade e inclusão das questões relacionadas às pessoas negras. Isso é evidente no acesso à educação em artes visuais, tanto do ponto de vista da formação pessoal quanto profissional, assim como no acesso aos meios de criação artística. Além disso, as formas de exposição, comercialização, documentação e análise dessas criações frequentemente desconsideram e negligenciam os contextos históricos e sociais da inserção da pessoa negra no Brasil.

A presença e a importância do povo negro na história e na cultura são fundamentais, mas ao longo do tempo essa contribuição nem sempre foi adequadamente reconhecida ou representada nos registros históricos e nos currículos educacionais. Em muitas partes do mundo, especialmente em sociedades coloniais e pós-coloniais, a história e as contribuições das pessoas negras foram negligenciadas, distorcidas ou até mesmo apagadas.

### 2.1.2 A ilusão da democracia racial

É pertinente abordar a concepção de democracia racial, que é o ideal de uma sociedade onde não há discriminação ou exclusão com base em raça, cor ou etnia, resultando em uma convivência pacífica e igualitária entre todos os grupos étnicos. Esta ideia tem sido historicamente associada ao Brasil, principalmente após a teoria formulada por Gilberto Freyre

(2003), que argumentava que o país era marcado pela harmoniosa convivência entre diferentes grupos raciais.

No entanto, ao analisar a realidade brasileira, é evidente que a democracia racial é mais um mito do que uma realidade concreta. Apesar dos avanços sociais e das políticas de inclusão, o país ainda enfrenta profundas disparidades raciais em diversas áreas, como educação, mercado de trabalho, acesso à saúde, segurança pública e acesso à Arte.

A população negra e indígena, por exemplo, continua sendo subrepresentada em cargos de poder e influência, sofrendo com a violência policial e enfrentando obstáculos adicionais para alcançar oportunidades de sucesso. Além disso, manifestações de racismo estrutural são evidentes em casos de discriminação racial explícita, tanto no âmbito pessoal quanto institucional.

Na entrevista concedida ao Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, Vidal Dias da Mota Junior, diretor-executivo do Instituto Dacor, conceituou o racismo estrutural da seguinte maneira:

O racismo é estrutural a partir do momento em que a gente tem a hegemonia de determinados padrões, como a questão dos padrões estéticos que sempre estiveram estabelecidos. A negritude nunca foi um padrão hegemônico, sempre foi um padrão marginalizado. O cabelo afro, a pele escura, o próprio fenótipo das pessoas de origem africana sempre foram um padrão que nunca foi aquele mais comum de ser visibilizado na publicidade, por exemplo, nos meios de comunicação. Essa é uma das formas que eu acho que mais contundentes, mais observadas e mais percebidas por pessoas brancas e por pessoas negras, não há como negar isso. (CARDOSO, 2023)

Portanto, embora o ideal de democracia racial tenha sido propagado como um símbolo de identidade nacional, a realidade revela a existência de profundas desigualdades raciais que desafiam essa concepção. Reconhecer essas disparidades é fundamental para implementar políticas eficazes de combate ao racismo e promover uma verdadeira igualdade racial no Brasil.

Seria possível afirmar que existe democracia racial no Brasil? Diante da predominância afrodescendente, por que ainda há vítimas de racismo? Busca-se compreender as razões por trás da ausência de artistas negros como referências nas instituições educacionais, tanto nas escolas quanto nas universidades.

Parte das informações obtidas neste tópico são uma da análise do capítulo 1 da websérie A coleção antirracista do Instituto Unibanco, intitulado 'O Mito da Democracia Racial'<sup>6</sup>, que

---

<sup>6</sup> A Ilusão da democracia racial, websérie do Instituto Unibanco- Episódio 1: O Mito da Democracia Racial/Coleção Antirracista < [https://www.youtube.com/watch?v=tvBIG\\_XG2Lw](https://www.youtube.com/watch?v=tvBIG_XG2Lw) >

aborda a compreensão sobre a Ilusão da democracia racial no Brasil, conforme veremos a seguir.

A concepção de "democracia racial" criou a ilusão de harmonia entre as raças no Brasil, embora, na realidade, essa harmonia nunca tenha existido. Esta ideia foi forjada a partir do pensamento da elite do século passado, que apostou na imigração europeia e no branqueamento da população, ao mesmo tempo em que omitia a significativa contribuição do homem e da mulher negra na construção do Brasil.

No contexto histórico do Brasil, a omissão da verdadeira contribuição dos negros na construção do país foi uma prática sistemática, onde a narrativa oficial frequentemente negligenciava o papel fundamental desempenhado pelo homem e pela mulher negra. Enquanto se promovia a ideia de uma suposta harmonia racial, ignorava-se deliberadamente a significativa contribuição dos negros para o desenvolvimento socioeconômico e cultural da nação.

Essa omissão refletia uma tentativa de justificar e perpetuar as injustiças do sistema escravista, no qual os negros eram tratados como meras mercadorias, comercializados e subjugados aos interesses de seus proprietários. A história oficial, assim, falhava em reconhecer a brutalidade e a desumanização inerentes à escravidão, perpetuando uma narrativa de inferioridade e subalternidade que obscurecia as lutas e conquistas da comunidade negra.

Nesta condição, ele desempenhou diversos papéis na estrutura escravocrata colonial. Manipulado como peça comercial, o negro teve o seu corpo vendido, alugado, emprestado, hipotecado ou violentado, manejado de acordo com os interesses e vontades do seu dono por direito legal. (RODRIGUES, 2012, p. 61)

Santos (2022) destaca que a seletividade na escrita da história das artes visuais no Brasil, aponta como essa seletividade influencia na representação e no reconhecimento dos artistas visuais descendentes de africanos. O autor ressalta que essa seletividade não concede espaço suficiente para que as obras e biografias desses artistas fossem adequadamente valorizadas e reconhecidas. O termo "não outorga espaço e cor" sugere que a narrativa predominante da história das artes visuais no Brasil não dá a devida atenção e destaque aos artistas negros, resultando em uma falta de diversidade e inclusão na representação cultural do país, conforme versa:

Nesse entremeio, apontamos como a seletividade de quem, do que e de como se escreve a história das artes visuais no Brasil – e de como se inscrevem essas biografias e produções – não outorga espaço e cor às/aos artistas visuais negrodscendentes. (SANTOS, 2022, p. 240, grifo do autor).

A população brasileira desde sua colonização experimentou profundas alterações em suas características físicas, aparência genética, expressão fenotípica, devido a violência sexual praticada pelos colonizadores europeus sobre as populações indígenas e africanas, resultando em uma miscigenação forçada.

Verificou-se ao longo do século XX, que houve a utopia de que o Brasil era um paraíso tropical, um lugar de alegria onde não tinha espaço para o preconceito, todas as culturas eram respeitadas e todas as raças viviam em harmonia. Mas a verdade era que, para tentar esconder a predominância dos indígenas e afrodescendentes, houve uma intensa imigração europeia como parte de uma estratégia para "clarear" a população, essa tentativa de embranquecimento da população chamada de eugenismo, originado na Inglaterra, ganhou popularidade entre as elites brasileiras, buscando a exclusão dos grupos negros e indígenas considerados não pertencentes ao padrão europeu.

O eugenismo era uma corrente de pensamento que tinha como ideia principal melhorar a qualidade genética da população através de práticas seletivas, como controle da reprodução, incentivo à reprodução de determinados grupos e desencorajamento de outros. O termo "eugenia" foi criado pelo cientista britânico Sir Francis Galton no final do século XIX. Galton, que era primo de Charles Darwin, desenvolveu a ideia com base na teoria da seleção natural de Darwin, aplicando-a à sociedade humana.

Assim como este cientista, diversas figuras na história também pensavam, afirma Rodrigues (2012) que durante o século XIX, as teorias raciais atingiram seu auge, com intelectuais como o filósofo francês Gobineau (1816-1882) e o médico e cientista italiano Lombroso (1835-1909), entre outros, que promoveram a ideia de "raças" biologicamente determinadas e organizadas hierarquicamente na escala evolutiva da humanidade. No contexto dos trópicos, uma das figuras mais proeminentes que adotou e desenvolveu essas teorias foi o médico legista Nina Rodrigues (1862-1906).

De acordo com Wegner (2020), a eugenia no Brasil teve suas raízes associadas ao movimento sanitarista. O autor ressalta que, na virada da década de 1920, muitos eugenistas criticavam a heterogeneidade e a saúde da população brasileira, propondo medidas como a esterilização de doentes mentais e a segregação racial. Wegner também observa que, a partir dos anos 1930, houve uma mudança de perspectiva no Brasil, com a miscigenação sendo elogiada como parte da identidade nacional, e o declínio da eugenia após as revelações do holocausto nazista.

Nesse contexto, segundo Rodrigues (2012) começou a se formar a imagem do homem negro africano associada a características físicas estereotipadas, como cabelo carapinha, nariz achatado, boca grande e carnuda, e pele negra. Essas características foram ligadas a ideias de primitivismo e monstrosidade, alimentando uma narrativa que os associava a seres demoníacos descritos na Bíblia. Esse processo contribuiu para a construção de estereótipos negativos sobre os africanos. Rodrigues (2012, p. 62) ainda destaca que:

A partir dessas doutrinas, aos brancos caberia o papel de superioridade, o topo do desenvolvimento humano. Os seus traços caucasóides, como a alvura da pele, os cabelos loiros e os olhos azuis se tornam o referencial de beleza ocidental. Além disso, a teoria racista assimila ao corpo negro a ideia de "feitura e sujeira", para além da condição de mercadoria.

Assim, para Rodrigues (2012) a discriminação racial arraigada na sociedade brasileira, que menospreza e subordina o corpo negro em comparação com o corpo branco, exerce uma significativa influência sobre a vida e a formação da identidade étnico-racial dos indivíduos negros.

Para Almeida (2018) a ligação entre escravidão e racismo pode ser explicada da seguinte maneira, sugere que o racismo deriva das marcas deixadas pela escravidão e pelo colonialismo. De acordo com essa perspectiva, mesmo após o término oficial dos regimes escravagistas, as sociedades contemporâneas ainda estão aprisionadas em padrões mentais e institucionais escravocratas, ou seja, mantêm atitudes discriminatórias, autoritárias e violentas. “Dessa forma, o racismo seria uma espécie de resquício da escravidão, uma contaminação essencial que, especialmente nos países periféricos, impediria a modernização das economias e o aparecimento de regimes democráticos”. (ALMEIDA, 2018, p. 143)

E segundo a websérie, a abolição ocorreu em 1888, mas a população negra continuou sofrendo com os resquícios da escravidão. Em 1895 surgiu um dos maiores símbolos do eugenismo, a pintura “a redenção de cam”, criada pelo pintor eugenista espanhol Modesto Brocos. Na tela, uma senhora com as mãos erguidas agradece aos céus pela brancura do seu neto, que está no colo de sua filha já miscigenada, enquanto um homem branco, pai da criança, observa a cena com ar de superioridade, conforme imagem a seguir.

Figura 8: Pintura em tela de 1895, “a redenção de cam”, do pintor eugenista espanhol Modesto Brocos



Fonte: websérie do Instituto Unibanco.

É importante destacar que as ideias e práticas eugenistas foram amplamente desacreditadas devido à sua associação com o racismo, discriminação e violações dos direitos humanos, e no Brasil, essa política não alcançou os resultados esperados.

A websérie ainda levanta que, a década de 1930 trouxe uma onda de nacionalismo, e o autor Gilberto Freyre propôs uma perspectiva diferente, destacando a importância dos negros e indígenas na formação social e cultural do país. O livro "Casa Grande e Senzala" de Freyre (2003) sugere uma harmonia entre senhores e escravizados, contribuindo para a ilusão de um Brasil não racista e a entrada na era da democracia racial.

Freyre (2003), falava que havia harmonia entre senhores e escravizados, juntamente com a comparação das relações raciais do Brasil com as dos Estados Unidos (onde existia segregação racial), são fatores que contribuíram para a ilusão de um país não racista. Dessa forma, o Brasil entrou na era da chamada democracia racial.

Abaixo é possível ver algumas imagens do que seria para Freyre (2003) a importância do negro na sociedade, o único reconhecimento sempre era como serviçal. As imagens a seguir estão disponíveis na obra de Freyre "Casa Grande e Senzala". A primeira imagem é do curta metragem que narra a rotina de Gilberto Freyre, autor de Casa Grande e Senzala.

Figura 9: Imagem retirada do curta metragem O Mestre de Apipucos, de Joaquim Pedro de Andrade de 1959. O serviçal por nome Manoel, que estava há muitos anos servindo a família de Gilberto Freyre.



Fonte: curta metragem O Mestre de Apipucos.

Figura 10: Tela de Jean Baptiste Debret, viagem ao Brasil: o regresso de um proprietário (1815-1831).



Fonte: Freyre (2003)

Figura 11: Tela de Jean Baptiste Debret, o empregado do governo saindo a passeio (1808-1821)



Fonte: Freyre (2003)

No entanto, a realidade era outra, o que estava acontecendo era apenas uma forma de racismo sofisticado e cruel, distorcendo a verdade na consciência de todos os envolvidos nas relações raciais.

Se insistimos em entender o Brasil como uma sociedade plurirracial e democrática, essa sociedade precisa assentir igualdade econômica, social e cultural a todas e todos, o que por um lado sabemos também ser uma quimera, posto que as conquistas das chamadas minorias políticas e sociais são paulatina e violentamente eliminadas pelos grupos das elites que estão secularmente nos lugares de poder. (SANTOS, 2022, p. 240).

As consequências da escravidão seriam conhecidas com o tempo, o surgimento de uma nova sociedade, a desigualdade e o racismo eram motivos principais de preocupação. Após a abolição, não foram implementadas medidas sociais eficazes para beneficiar os ex-escravizados nos aspectos político, econômico e social. Isso implica que a falta de ações específicas para integrar e apoiar os recém libertos teria consequências a longo prazo, contribuindo para desigualdades persistentes e desafios sociais existentes até hoje no Brasil.

Segundo Carneiro (2011, p. 14), Joaquim Nabuco compreende que "a escravidão marcaria por longo tempo a sociedade brasileira porque não seria seguida de medidas sociais que beneficiassem política, econômica e socialmente os recém-libertados". O que de fato marcou, e o racismo é uma dessas marcas deixadas, perpetuando as desigualdades sociais baseadas em raça, essas ideias continuam a alimentar as desigualdades sociais, que têm sido cada vez mais destacadas e discutidas nos últimos anos.

Sueli Caneiro (2011), ainda afirma que, uma das consequências da escravidão foi o surgimento do racismo científico no século XIX, o qual conferiu uma suposta base científica à categorização da humanidade em diferentes raças, estabelecendo uma hierarquia entre elas e atribuindo-lhes status de superioridade ou inferioridade natural. "A perpetuação dessas ideias tem sido responsável pela persistência das conhecidas desigualdades sociais que têm sido amplamente discutidas nos últimos anos no Brasil". (CARNEIRO, 2011, p.15)

Apesar das desigualdades persistirem, especialmente na construção da identidade negra, nas últimas décadas, políticas reparatórias e ações afirmativas têm buscado amenizar as disparidades sociais, desafiando o mito da democracia racial e abrindo espaço para a construção de uma sociedade mais justa.

## **2.2 Arte/educação antirracista e seu papel na transformação do ensino de artes visuais**

No início deste capítulo, é essencial compreender que o racismo estrutural permeia diversas esferas da sociedade, inclusive as instituições de ensino. A única forma de uma instituição combatê-lo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas. É dever de uma instituição que realmente se preocupe com a questão racial investir na adoção de

políticas e medidas concretas que promovam a equidade e a inclusão, garantindo um ambiente educacional justo e acolhedor para todos os alunos, independentemente de sua origem étnico-racial.

Neste contexto, é fundamental explorar e discutir as práticas antirracistas que podem ser implementadas nas instituições de ensino, visando promover a conscientização, a igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade.

Almeida (2019) argumenta enfaticamente sobre a necessidade de práticas antirracistas nas instituições de ensino, ressaltando que se o racismo é uma característica inerente à ordem social, então a única maneira de combatê-lo efetivamente é através da implementação de políticas antirracistas concretas. Ele declara:

[...] se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de uma instituição combatê-lo é por meio da implementação de práticas antirracistas efetivas. É dever de uma instituição que realmente se preocupe com a questão racial investir na adoção de políticas internas que visem: a) promover a igualdade e a diversidade em suas relações internas e com o público externo – por exemplo, na publicidade; b) remover obstáculos para a ascensão de minorias em posições de direção e de prestígio na instituição; c) manter espaços permanentes para debates e eventual revisão de práticas institucionais; d) promover o acolhimento e possível composição de conflitos raciais e de gênero. (ALMEIDA, 2019, p.32)

A arte/educação antirracista desempenha um papel crucial na transformação do ensino de artes visuais, especialmente diante dos desafios enfrentados pelos professores no contexto escolar. Na sociedade brasileira, o professor no espaço escolar adquire a complexa tarefa de lidar com os conflitos construídos por ideias preconceituosas e comportamentos discriminatórios. Como questionado por Rodrigues (2012, p. 64), “qual docente nunca vivenciou a cena de um aluno xingando o outro de macaco? Ou nunca teve que responder às queixas de uma aluna reclamando que seu colega disse que seu cabelo era duro e feio?”

Nesse contexto, a arte/educação antirracista emerge como uma ferramenta fundamental para promover uma educação mais inclusiva, diversificada e consciente das questões raciais. Ao integrar práticas antirracistas no currículo e nas atividades pedagógicas, os educadores de arte têm a oportunidade de questionar e desconstruir estereótipos, preconceitos e padrões eurocêntricos que historicamente têm dominado o campo das artes.

Além disso, ao valorizar a diversidade cultural e étnico-racial, a arte/educação antirracista estimula o reconhecimento e a celebração das contribuições de artistas negros e de outras minorias étnicas, bem como a reflexão sobre as desigualdades e injustiças presentes na sociedade. Conforme versa Nogueira (2012, p.1):

Considerando que a educação atravessa uma série de tensões em torno da ideia que o acesso às instituições de ensino é um direito social de todas as pessoas e ao mesmo tempo, o respeito às diferenças exige a diversidade de narrativas, de lógicas e epistemologias no currículo. Um dos desafios está na busca da equidade das perspectivas culturais e no efetivo exercício da interculturalidade.

Dessa forma, ao criar um ambiente educacional mais inclusivo e acolhedor, a arte/educação antirracista empodera os estudantes, promovendo a autoestima, a identidade cultural e a consciência crítica. Assim, ao incorporar perspectivas antirracistas em suas práticas pedagógicas, os educadores de artes visuais não apenas contribuem para uma educação mais justa e equitativa, mas também para a construção de uma sociedade mais plural e tolerante.

No entanto, alcançar a equidade racial não é uma tarefa simples. Enfrentamos diversos desafios ao trilhar o caminho em direção a uma educação pluriversal. Superar esses obstáculos demanda esforços coletivos e mudanças substanciais em diversas esferas da sociedade. A educação pluriversal, que reconhece e incorpora a diversidade de experiências e saberes, representa um passo essencial nesse processo. Além de combater o preconceito, ela promove um ambiente inclusivo e respeitoso, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Rodrigues (2012, p. 64) enfatiza que a pluriversalidade consiste no reconhecimento de que todas as perspectivas devem ser consideradas válidas, ao mesmo tempo que critica o privilégio de um único ponto de vista. Sendo assim, a educação pluriversal é um conceito que vai além da ideia de uma única visão ou perspectiva de educação, reconhecendo e valorizando a diversidade de saberes, culturas e perspectivas existentes no mundo. Essa abordagem promove a inclusão de diferentes conhecimentos, tradições e formas de compreender o mundo, buscando uma educação que respeite e integre as diversas identidades e experiências culturais presentes na sociedade. Em vez de uma visão única e monocultura, a educação pluriversal busca considerar e incorporar uma multiplicidade de vozes e vivências.

Renato Nogueira (2012) em seu artigo: *Denegrindo a educação*, enfatiza a importância de uma pedagogia que reconheça a pluriversalidade, destacando os desafios enfrentados pela educação ao lidar com questões de diversidade e inclusão, afirmando a relevância do ensino de Arte/Educação nesse contexto, enfatizando-se que o estudo da Arte desempenha um papel fundamental na formação ética e intelectual, promovendo o desenvolvimento da percepção estética dos alunos e estimulando diálogos sobre consciência racial. Além disso, a Arte é vista como um meio para o avanço do desenvolvimento cognitivo, o fomento do pensamento crítico, o aprendizado de posicionamento social e a ampliação das percepções individuais.

Ao focarmos nosso olhar na prática pedagógica, devemos considerar o estado de maafa<sup>7</sup> em que se encontra a população negra brasileira na contemporaneidade e o seu reflexo na educação. Problemas como a violência generalizada, instabilidade familiar, racismo estrutural, nutrídio, racismo religioso, machismo, homofobia, pobreza/miserabilidade e ausência de perspectivas são barris de pólvora que costumam estar com pavios acesos no ambiente escolar. (NJERI, 2019, p.7)

Assim, em uma sociedade diversa como a nossa, é crucial que os currículos escolares, desde a educação infantil até o ensino superior, incluam os conhecimentos e as contribuições de todos os grupos étnicos que formaram a população brasileira ao longo da história. Essa abordagem busca uma representação mais completa e justa da história e da cultura do Brasil, conforme fala Santos (2022, p. 238):

Estando nós inseridas e inseridos numa sociedade plurirracial, é urgente que, de fato, os conteúdos que compõem os currículos escolares da educação infantil à superior contemplem as participações e contribuições de todos os povos que historicamente constituem o povo brasileiro, dos quais enfatizamos os grupos autóctones, povos da terra e/ou das florestas que vimos impingindo o nome indígenas desde 1500, conforme a nomeação conferida pelos portugueses; lembramos dos já representados povos europeus e seus descendentes que, desde então, num projeto de dominação mercantil e capitalista da economia, também impôs sua história e modos de organização da sociedade para outras populações; e neste escopo também aqui destacamos os povos trazidos forçadamente do continente africano para trabalhar compulsoriamente como mão de obra escravizada.

Ani (*apud* NJERI, 2019, p.7) sugere que muitas vezes o estudo da história da América foca apenas na perspectiva europeia, ignorando as experiências e contribuições dos povos indígenas e africanos. Dentro de uma abordagem afrocêntrica, que enfatiza a perspectiva e agência dos povos africanos, percebe-se que figuras como Colombo são reconhecidas como genocidas da população ameríndia, assim como outros europeus que invadiram o continente. Isso destaca a importância de examinar criticamente a narrativa histórica predominante e considerar múltiplas perspectivas para uma compreensão mais completa e precisa da história da América.

Madhubuti compartilha um conceito que se encaixa perfeitamente na atualidade, afirmando que:

Estudantes negros devem ter profunda compreensão das realidades política, racial, econômica, científica e tecnológica que confrontam a sobrevivência de pessoas africanas local, nacional e internacionalmente. Eles têm que estar fundados em uma visão de mundo que promova a comunicação intercultural, o entendimento e o compartilhamento; eles ainda têm que ser auto-protetivos o suficiente para perceber que o

---

<sup>7</sup> Maafa: são os fenômenos de sequestro, cárcere, escravidão, colonização, objetificação, guetificação e genocídio que a população negra, independente da territorialidade, sofre diretamente desde 1500. (ANI *apud* NJERI, 2019, p. 7)

mundo não é justo e que os próprios interesses muitas vezes entram em conflito com os interesses dos outros, especialmente quando a raça está envolvida (*apud* NJERI, 2019, p. 11).

Com o intuito de trabalhar e promover essa comunicação intercultural, nos deparamos com a educação afrocêntrica, para Njeri (2019), se baseia em três elementos-chave: conhecimento acadêmico, compreensão global e familiaridade com a história e cultura africanas. Além disso, essa abordagem deve conduzir, encorajar e dirigir os estudantes para as tecnologias emergentes, visando assegurar sua capacidade de adaptação e sobrevivência no mundo contemporâneo.

No que diz respeito à teoria e à prática da democratização dos acessos, dos meios de representatividade, visibilidade e diversidade de grupos que a compõem, conforme afirma Santos (2022, p. 238): "A sociedade brasileira tem se mostrado absolutamente controversa no que diz respeito à teoria e à prática da democratização dos acessos, dos meios de representatividade, visibilidade e diversidade de grupos humanos que a compõem".

Partindo desta premissa, nos deparamos com a lei 10.639/03 que obriga a inclusão de conteúdos da história e da cultura afro-brasileira, nas disciplinas de História, Língua Portuguesa e de artes nas escolas. Teoricamente falando é obrigatório falar, todavia, como falar, onde encontrar dados referentes aos negros se no decorrer da história foram apagando?

Conforme Santos (2022) afirma que, muitos educadores questionam de que maneira a legislação, inicialmente designada como Lei 10.639/03 e posteriormente alterada para Lei 11.645/08, pode ser efetivamente implementada no ambiente escolar, abrangendo desde o ensino infantil até o ensino superior, com o intuito de promover uma mudança significativa e abrangente.

[...] devemos extrapolar os limites dos materiais bibliográficos, didáticos e paradigmáticos que temos à disposição, que estão aceitos pelo mercado editorial e parcialmente alinhados às subjetividades de interpretações da Lei de Diretrizes e Bases e dos Parâmetros Curriculares Nacionais em consonância com os textos das leis 10.639/03 e 11,645/08". (SANTOS, 2022, p. 246)

Nas disciplinas especificadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), tais como artes visuais, teatro, dança e música, estipuladas como obrigatórias pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96), são descritas habilidades, conhecimentos, experiências e vivências que os alunos devem adquirir. Essas disciplinas abrangem diversos movimentos artísticos, artistas e textos essenciais, os quais são determinados pelos currículos de cada instituição de ensino, seja ela pública ou privada, "nós que elencamos e damos continuidade à história das artes visuais; nós que a tornamos menos pálida e lhe conferimos o

colorido que tanto propagamos como característico de nossa cultura e nossa gente”. (SANTOS, 2022, p. 246)

Diante da ausência de material específico para o estudo da cultura africana e sua influência na formação cultural brasileira, Renata Felinto reuniu vários autores e publicou o livro *culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula*. (FELINTO, 2012)

Basicamente, estamos falando que é importante incluir artistas e obras de pessoas não brancas quando estudamos história da arte. Não é só olhar para a arte do mundo ocidental e ignorar o que vem de outras culturas e períodos, conforme afirma Santos (2022, p. 244): "Quando atentamos ao fato de que o ensino de história das artes visuais que incorpore artistas e produções de não brancas precisa estar alinhado à cronologia, não nos referimos aos estudos que seguem a linha do tempo ocidental".

Santos (2022, p. 244) esclarece que,

A cronologia consiste em apresentar artistas visuais negras e negros inseridas e inseridos ou que produziram e produzem paralelamente às escolas e aos estilos apresentados em sala de aula, demonstrando dessa maneira que, apesar de essas pessoas não serem reconhecidas no mesmo período histórico que artistas visuais de maior visibilidade, suas produções estavam e estão alinhadas à escola ou estilo apresentado e estudado.

A ideia é mostrar que artistas negros e negras, mesmo não sendo tão reconhecidos na mesma época que outros artistas mais famosos, também estavam por aí fazendo arte no mesmo estilo ou movimento. Ou seja, o objetivo é dar destaque a esses artistas que foram ignorados pela história tradicional da arte.

Seguindo esta linha de raciocínio, analisaremos os métodos antirracistas e inclusivos segundo a obra de Renata Felinto (2012), “[...]esse livro possibilita o acesso ao passado da história negra e de suas produções artísticas visuais [...]” (FELINTO, 2012, p. 9)

Com o objetivo de analisar a relevância do artista negro na história e seu impacto na interseção da arte/educação, é essencial retroceder ao século XIX. É época em que inúmeros artistas negros, provenientes de distintas linhagens, desempenharam papéis cruciais na Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro, contribuindo para transformações estéticas marcantes na arte brasileira. Originários de famílias escravizadas ou de negros e mulatos livres, esses artistas participaram ativamente das principais correntes artísticas, deixando um legado de obras historicamente relevantes.

O século XIX foi um período de reorientação profunda dos rumos estéticos da arte no Brasil e, embora pouco conhecidos, diversos artistas negros estiveram presentes no

quadro da Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro. Filhos de escravos ou de negros e mulatos livres, esses artistas negros participaram das principais correntes estéticas e criaram obras de pronunciada relevância. (SOUZA, 2012, p. 77)

Na obra "Culturas Africanas" de Renata Felinto, Marcelo de Salette Souza (2012) destaca que a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro em 1808 foi um marco crucial na história brasileira. Entre as instituições significativas criadas durante esse período, a Academia Imperial de Belas Artes se destaca, influenciando profundamente a cena artística brasileira. O autor observa que o novo modelo estético adotado pela Academia, baseado nas orientações neoclássicas da Missão Artística Francesa, provocou uma ruptura com a tradição barroca local.

Nas palavras de Souza (2012, p. 77):

Esta mudança não apenas alterou a definição do artista, que deixou de ser simples artesão para se tornar um estudioso da história da arte, mas também buscou forjar uma visualidade neoclássica para uma nação emergente e moderna no contexto do Império brasileiro. Essa transformação estilística, embora compartilhando elementos com o Neoclassicismo francês, assume uma dimensão singular ao ser utilizada para enaltecer o Império no contexto brasileiro.

Santos (2022) observa que com a abertura da academia Imperial de Belas Artes, o artista negro passou a ser considerado profissional. Anteriormente, sua formação ocorria de maneira anônima, sendo muitas vezes confundido com artesão e proveniente dos estratos mais pobres da população. Com a criação da academia, esperava-se que o artista começasse a ser reconhecido como um profissional, recebendo uma formação erudita que o capacitasse a participar no processo de desenvolvimento de uma cultura visual superior. Isso implicaria não apenas na habilidade artesanal, mas também no conhecimento intelectual das tradições artísticas culturais do momento.

Mesmo diante do preconceito e racismo havia destaque dos artistas negros, conforme cita Souza (2012, p.78):

Artistas negros e livres, superando dificuldades, adentraram o espaço da Academia Imperial de Belas Artes no Brasil. Estevão Roberto da Silva (1844- 1891) foi considerado um dos melhores da modalidade de natureza-morta, um gênero menor no século XIX. A pintura de natureza-morta realizada com perícia por Estevão era considerada o ponto alto do gênero. Com linhas bem definidas, algo próprio da influência neoclássica, e cores fortes, Estevão dominava esta técnica.

Alguns artistas visuais, principalmente pintores, não foram reconhecidos em vida devido a dificuldades financeiras e à falta de políticas públicas após a abolição da escravidão, que não facilitaram o acesso à educação e à formação artística para a população ex-escravizada.

Nas palavras de Santos (2022, p. 252),

A sobrevivência de alguns nomes, contudo, não significa que esses artistas visuais, em sua maioria pintores, foram todos reconhecidos em vida; alguns passaram por enormes dificuldades para concluir seus estudos devido a questões financeiras – lembremos que parte deles iniciou sua formação durante a vigência da escravidão como sistema de trabalho e que, no pós-abolição (1888), não houve nenhuma espécie de política pública que visasse à incorporação da população ex-escravizada numa perspectiva de acessos.

Souza (2012) destaca ainda, a importância da Academia em criar uma visualidade representativa para uma nação em formação, ressaltando a urgência em formular ícones para essa narrativa histórica. Segundo ele, a pintura histórica desempenha um papel crucial ao apresentar e afirmar os "heróis" nacionais para uma audiência predominantemente analfabeta. Por este motivo não deram visibilidade aos artistas negros.

Segundo Souza (2012), Estevão Roberto da Silva (1844-1891) era um ótimo pintor de naturezas-mortas no século XIX, mas ser negro causou problemas na Academia. Em 1879, na premiação da Academia Imperial de Belas Artes, ele deveria ganhar o primeiro lugar, mas ficou em segundo. Quando o Imperador Pedro II ofereceu o prêmio, Estevão recusou, o que chocou a todos. Por causa disso, foi afastado da Academia por um ano. Tudo indica que o problema foi o fato de ele ser negro. Em outras palavras, não queriam como 'herói', um artista negro.

Para a ideologia da época, os negros africanos e seus descendentes não tinham os mesmos direitos que os brancos, não eram considerados capazes como estes. A possível premiação de Estevão como o melhor pintor de natureza-morta era uma afronta ao sistema da escravidão, cuja manutenção era apoiada pelo Império. Se o negro era considerado inferior, ele não poderia deixar em segundo plano um artista branco. (SOUZA, 2012, p.78)

Como apontado por Sousa (2012), o que evitou a expulsão de Estevão da academia por recusar o prêmio de segundo lugar, foi que os outros artistas intervieram e minimizaram o acontecido, atribuindo a atitude de Estevão a uma certa "timidez de inteligência". Mas também reforçou uma visão preconceituosa contra ele, como se fosse infantil e inconsequente. Assim, sua ação perdeu seu poder de contestação e impacto político.

Figura 12: Natureza-Morta, 1891, de Estêvão Silva



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural, 2024.

Figura 13: Araçás, 1870 de Estêvão Silva.



Fonte: Romulo Fialdini, 2024.

Artur Timóteo da Costa (1882-1922), outro artista negro que frequentou a Academia de Belas Artes, distanciou-se das correntes neoclássicas e românticas ao adotar um estilo com pinceladas mais densas, apontado por Souza (2012). Sua obra representou uma conexão entre a arte acadêmica do século XIX e as tendências inovadoras do final do mesmo século, o Impressionismo. As técnicas de veladura empregadas por Artur destacam claramente as influências do Impressionismo em sua obra. Isso faz dele um dos pioneiros das experiências

estéticas que culminaram no modernismo brasileiro. “[...] Artur pode ser considerado um dos precursores das experiências estéticas do modernismo no Brasil. Entretanto, sendo parte da antiga academia, ele foi esquecido pelos artistas da Semana de Arte Moderna de 1922”. (SOUZA, 2012, p.78)

Para os modernistas, a arte deveria representar, além de uma estética atualizada com as novas vertentes europeias, uma preocupação com os temas nacionais, conforme preconizava Mário de Andrade (1893- 1945). Certamente, Artur tinha parte dessas características, seus personagens negros já apontavam para a importância destes no modernismo. Mesmo assim, Artur não tornou-se uma referência reconhecida pelos modernistas. (SOUZA,2012, p. 78-79)

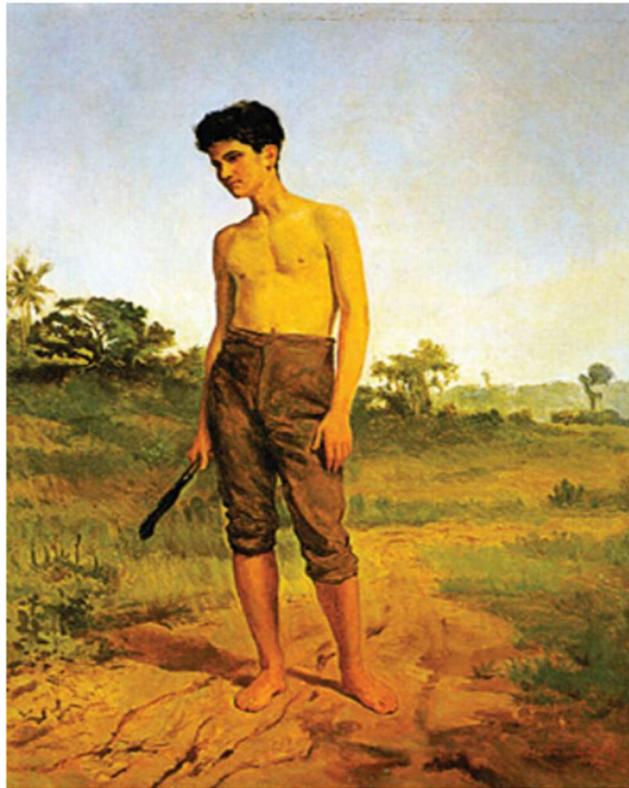
Dando continuidade aos artistas que marcaram a história na Academia de Belas Artes, Souza (2012) cita Antonio Rafael Pinto Bandeira (1863 - 1896), aos 16 anos, ingressou na Academia Imperial de Belas Artes. Destacou-se por paisagens e retratos, sendo um dos principais alunos com uma abordagem naturalista e detalhista. Sua vida refletiu o contexto social dos artistas negros na academia, onde o acesso era limitado e sem suporte financeiro. Embora alguns conseguissem reconhecimento, Bandeira enfrentou dificuldades financeiras, mesmo como professor. Seu trágico fim ocorreu em Niterói, após um período de instabilidade.

Figura 14: Efeito da Ressaca de 1892, em Niterói, 1892. Pinto Bandeira. Óleo sobre tela, c.i.d. 50,00 cm x 99,50 cm



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira

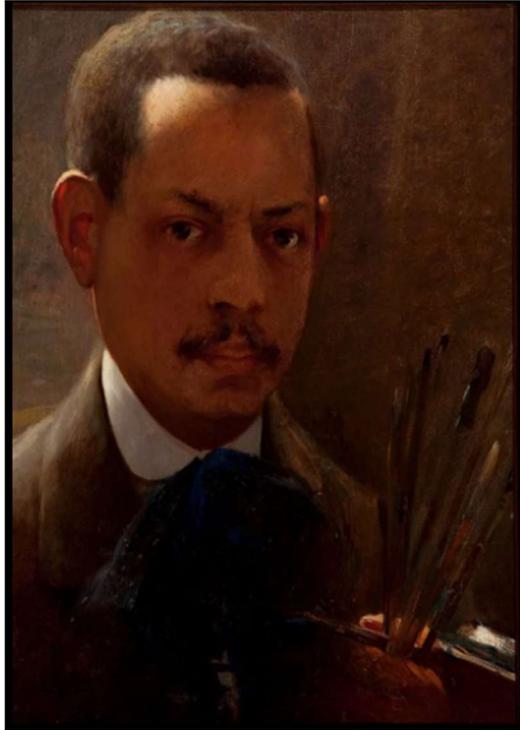
Figura 15: Lenhador, 1890. Pinto Bandeira. Óleo sobre tela. 89,00 cm x 68,00 cm



Fonte: Fotógrafo Januário Garcia.

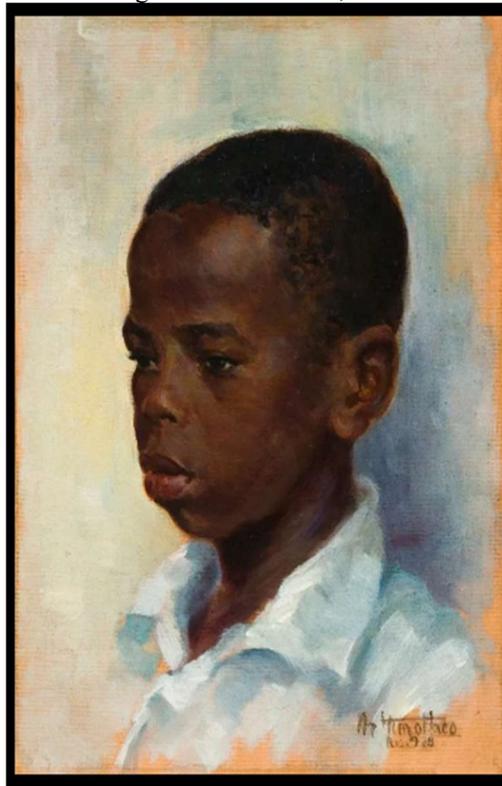
Nas abordagens feitas por Souza (2012) é possível observar que, na Academia de Belas Artes, os pintores desenvolviam estilos diversos, como a linha definida de Estevão Roberto da Silva e as manchas intensas de Artur Timóteo da Costa, demonstrando uma variedade de experiências dentro das regras da Academia, apesar do compromisso estético com o Neoclassicismo e o Romantismo, os artistas negros buscavam ultrapassar essas limitações. Destacam-se os retratos de personagens negros de Artur Timóteo, que exploram sua identidade étnico-racial em uma sociedade que muitas vezes negava essa possibilidade.

Figura 16: AUTORRETRATO, 1908



Fonte: Isabella Matheus, [s.d.].

Figura 17: MENINO, 1918



Fonte: Projeto Afro, [s.d.]

De acordo com visão de Bispo (2012), no contexto brasileiro, em contraste com a realidade francesa, observou-se uma produção de artes plásticas, incluindo arquitetura, pintura

e escultura, cujos temas principais eram de natureza sacra, ligados às histórias bíblicas e à trajetória da Igreja Católica. A expressão "arte afro-brasileira" teve sua origem nesse período, quando a distinção entre as artes manuais e intelectuais se integrava de forma eficiente à estrutura social da escravidão. “O fazer naquele contexto cabe aos escravos e aos afrodescendentes (mestiços) enquanto que o pensar cabe à diminuta parcela de homens portugueses e brancos” (BISPO, 2012, p. 84).

Bispo (2012) aponta os produtores de arte neste período, como Antônio Francisco Lisboa, conhecido como O Aleijadinho (1738-1814), e de Valentim da Fonseca e Silva, Mestre Valentim (1750-1813), representaram significativos exemplos da produção artística brasileira. Aleijadinho, filho de arquiteto português e mãe escrava, deixou um legado marcante na arquitetura e escultura sacra de Minas Gerais, com obras notáveis como a igreja de São Francisco de Assis e os doze profetas esculpidos em pedra-sabão. Mestre Valentim, por sua vez, filho de mãe escrava e pequeno fidalgo português, destacou-se como empresário de obras de urbanismo paisagístico e arquitetura urbana, com projetos notáveis como o Passeio Público e o chafariz da Praça XV, no Rio de Janeiro. Ambos os artistas, assim como outros importantes nomes da arte afro-brasileira, como Manuel da Cunha, Manuel da Costa Ataíde, José Joaquim da Rocha e José Teófilo de Jesus, contribuíram significativamente para a riqueza cultural do país. “Como os artistas renascentistas, esses primeiros artistas brasileiros tinham incrível habilidade. Eram a um só tempo arquitetos, pintores, escultores, decoradores” (BISPO, 2012, p. 85).

Nas reflexões de Bispo (2012), são destacados outros importantes nomes da arte brasileira, que não são afrodescendentes, mas que também contribuíram para a temática afro-brasileira em suas obras. Ele menciona artistas como Debret, Rugendas, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Djanira e Carybé, ressaltando que a representação das temáticas afro-brasileiras na arte não é exclusiva de afrodescendentes. Essa diversidade de artistas e temáticas ao longo do tempo reflete a complexidade da sociedade brasileira, marcada pela mistura de culturas e pela persistência das desigualdades raciais. Ao reconhecer essa diversidade, o autor sugere que é necessário repensar as definições e os espaços sociais atribuídos às pessoas negras em uma sociedade marcada pela miscigenação, onde o segmento negro ainda enfrenta maiores desafios e discriminações.

Apesar das habilidades, do domínio, da técnica, esses artistas em razão de sua cor não tiveram visibilidade. E a própria sociedade contribuiu para a ‘pálida’ história dos artistas negrodescendentes. Neste momento, é a hora de entender a história das artes visuais e explorar as histórias da humanidade sem suavizar, romantizar ou omitir acontecimentos importantes do

passado, por mais difícil que seja enfrentá-los. Isso é algo que todas as pessoas em todos os lugares devem fazer. Chama-se desconstrução, ou "descolonização do conhecimento". Santos enfatiza a urgência e a necessidade de refletirmos e praticarmos sobre como realizaremos essa tarefa, destacando que não há uma divisão clara entre vencedores e perdedores, ao contrário do que nos foi ensinado, “não existe um conceito belo universal, que possa, de fato, ser atribuído às obras criadas por populações tão diversas, que as obras-primas europeias não sejam superiores as obras-primas de outras populações”. (SANTOS, 2022, p.259)

### 3 CONCLUSÃO

Em vistas dos argumentos apresentados, constatou-se que a ausência de representatividade afro-brasileira na sociedade é um problema complexo que permeia diferentes aspectos da vida cotidiana, desde a infância até a vida adulta. Este estudo foi motivado pela experiência pessoal da pesquisadora, que se deparou com questionamentos de sua filha sobre sua identidade racial. A falta de representatividade afeta não apenas a autoestima das crianças negras, mas também influencia suas interações sociais e seu desenvolvimento emocional. A pesquisa revelou a importância de proporcionar às crianças negras acesso a figuras e narrativas que as representem de forma positiva, tanto na escola quanto em outros contextos sociais. Estratégias educacionais que promovam a valorização da cultura afro-brasileira e o combate ao racismo são fundamentais para criar um ambiente escolar inclusivo e empoderador.

Nesse contexto, é imperativo repensar e reconstruir as narrativas históricas e educacionais para incluir e valorizar plenamente as contribuições dos povos negros ao longo do tempo. Isso não se limita apenas ao campo das artes visuais, mas abrange todas as áreas do conhecimento, desde a história até a ciência, passando pela filosofia, religião, tecnologia e muito mais. A educação desempenha um papel fundamental na construção da identidade e na formação da consciência social. Portanto, é essencial que os currículos escolares incorporem uma perspectiva pluriversal, que reconheça e celebre a diversidade de experiências, conhecimentos e culturas. Isso não apenas enriquece o aprendizado dos alunos, mas também promove uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária.

No que diz respeito a ideia de democracia racial no Brasil, propagada como um símbolo de identidade nacional, revela-se como uma ilusão diante das profundas desigualdades raciais presentes na sociedade. Apesar dos avanços sociais e das políticas de inclusão, a população negra e indígena continua enfrentando discriminação e exclusão em diversas áreas, como

educação, mercado de trabalho e acesso à saúde. A história do país, marcada pela escravidão e pelo eugenismo, deixou um legado de racismo estrutural que persiste até os dias atuais. A falta de medidas sociais eficazes após a abolição da escravidão contribuiu para a perpetuação dessas desigualdades. No entanto, políticas reparatórias e ações afirmativas têm sido implementadas nas últimas décadas, desafiando o mito da democracia racial e buscando promover uma verdadeira igualdade racial no Brasil.

Diante dos aspectos analisados, sobre arte/educação antirracista e sua importância na transformação do ensino de artes visuais revela a urgência de implementar práticas pedagógicas que promovam a equidade, a diversidade e o respeito à pluralidade cultural. A análise dos desafios enfrentados pelos artistas negros ao longo da história brasileira, desde o período colonial até os dias atuais, destaca a persistência do racismo estrutural e a necessidade de superá-lo por meio de uma abordagem educacional consciente e inclusiva.

Neste compasso, é crucial reconhecer a sub-representação dos artistas negros na história da arte brasileira, resultado de uma perspectiva eurocêntrica predominante. Apesar das adversidades enfrentadas na academia de Belas Artes, esses artistas contribuíram significativamente para a cultura do país. A inclusão obrigatória de conteúdos afro-brasileiros nas instituições de ensino é um avanço importante, mas sua efetiva implementação requer uma revisão crítica dos materiais e uma abordagem pedagógica que valorize a diversidade de perspectivas e experiências.

Em suma, a arte/educação antirracista surge como uma ferramenta poderosa para desafiar estereótipos, questionar narrativas dominantes e promover o diálogo intercultural. Ao incorporar perspectivas antirracistas em suas práticas pedagógicas, os arte educadores podem contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e igualitária, por meio da desconstrução do conhecimento colonizado e a promoção de uma educação pluriversal, que são elementos essenciais nesse processo, pois reconhece e valoriza a diversidade de saberes, culturas e perspectivas, criando um ambiente educacional mais acolhedor e enriquecedor para todos os alunos.

## REFERÊNCIAS

- **Livros**

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é Racismo Estrutural?**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural / Silvio Luiz de Almeida**. São Paulo: Sueli. Carneiro; Pólen, 2019.

FELINTO, Renata (Org.). **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula: saberes para os professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais**. Belo Horizonte, MG: Fino Traço Editora Ltda., 2012. 116p. (Formação docente; 3). ISBN 978- 85-8054-052-9.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48a edição. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. Biobibliografia de Edson Nery da Fonseca. Notas bibliográficas revistas e índices atualizados por Gustavo Henrique Tuna. Recife-Pernambuco-Brasil: Global Editora, 2003.

- **Artigos**

LEMOS, Vinícius. **'Vamos falar a realidade das coisas': mãe negra conta por que decidiu falar de racismo desde cedo para os filhos pequenos**. BBC BRASIL. São Paulo, 2 ago. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62386331>. Acesso em: 22 de fev. 2024.

NJERI, Aza. Educação Afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência maafa. **Revista sul-americana de filosofia e Educação**. Número 31: maio-out/2019, p.4-17, DOI: <https://doi.org/10.26512/resafe.vi30.28253>

NOGUERA, Renato. Denegrindo a educação: Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. **Revista Sul-americana de Filosofia e Educação**. Número 18: maio-out/2012, p.62-73.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. **A pálida história das artes visuais no Brasil: onde estamos negras e negros?** Dossiê Escritos e re-escritos da arte afro-brasileira. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 28, n. 43, p. 236-261, jan.-jun. 2022. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n43.14>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>

- **Palestra:**

CARDOSO, Thais. **Para especialistas, é importante ver conceito de racismo estrutural circular na sociedade**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP). São Paulo, 06 out. 2023. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/para-especialistas-e-importante-ver-conceito-de-racismo-estrutural-circular-na-sociedade>. Acesso em: 26 de fev. 2024.

WEGNER, Robert. **Eugenia no Brasil: a história continua?** [Palestra] Webinar do Laboratório de Pensamento Social (LAPES) da Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC, 25 set. 2020. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/noticias/eventos/25092020>. Acesso em: 24 fev. 2024.

- **Filme**

**O Mestre de Apipucos** [Filme curta-metragem]. Direção de Joaquim Pedro de Andrade. Brasil, 1959. Disponível em: <https://vimeo.com/653181654>. Acesso em: 23 fev. 2024.

- **Em meio eletrônico:**

- Artigo do site BBC News Brasil:

JUSTINO, Gustavo; SILVA, Henrique. **'Escravo', 'urubu': crianças são vítimas de racismo; denúncias passam de 3 mil em escolas estaduais em SP em 2023**. BBC NEWS BRASIL, 10 out. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/10/10/mais-de-3-mil-boletins-de-ocorrencia-de-casos-de-racismo-em-escolas-estaduais-de-sp-foram-registrados-em-2023.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

- Artigo do site Itaú Cultural:

BANDEIRA, Pinto. **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22999/estevao-silva>. Acesso em: 06 mar. 2024. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

NJERI, Aza. Reflexões artístico-filosóficas sobre a indústria cultural. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 32, 2022. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/observatorio-itaucultural/revista-observatorio/representacao-negra-industria-cultural>. Acesso em: 22 fev. 2024. DOI: <https://www.doi.org/10.53343/100521.32/9>

SILVA, Estêvão. **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22999/estevao-silva>. Acesso em: 06 mar. 2024. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

- Artigo do site Ninhos do Brasil:

FELIPPO, Samara. **Muito além dos cachos: ser branca, mãe de crianças pretas**. Ninhos do Brasil, 21 out. 2022. Disponível em: <https://www.ninhosdobrasil.com.br/alem-dos-cachos>. Acesso em: 28 fev. 2024.

LI, Negra. **Para criar filhos sem preconceito: educação e bons exemplos**. Ninhos do Brasil, 17 jun. 2021. Disponível em: <https://www.ninhosdobrasil.com.br/para-criar-filhos-sem-preconceito-educacao-e-bons-exemplos>. Acesso em: 28 fev. 2024.

- Episódio da websérie do Instituto Unibanco:

INSTITUTO UNIBANCO. **O Mito da Democracia Racial**. Websérie: Episódio 1: O Mito da Democracia Racial | Coleção Antirracista [Vídeo]. Instituto Unibanco. Publicado em 5 dez. 2022. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=tvBIG\\_XG2Lw](https://www.youtube.com/watch?v=tvBIG_XG2Lw). Acesso em: 28 fev. 2024.

- Fontes de algumas das imagens:

LEITE, Jordana. **Arthur Timótheo da Costa**. Projeto Afro, [s.d.]. Disponível em: <https://projetoafro.com/artista/arthur-timotheo-da-costa/>. Acesso em: 06 mar. 2024.

PAULINO, Rosana. **Assentamento**. Rosana Paulino, 2023. Disponível em: <https://rosanapaulino.com.br/multimedia/assentamento-1-1024x710/>. Acesso em: 06 mar. 2024.

PAULINO, Rosana. **A Responsabilidade dos Fios**. Associação de Arte de Braunschweig, 2023. Disponível em: <https://kunstvereinbraunschweig.de/en/exhibitions/rosana-paulino/>. Acesso em: 05 de mar. de 2024.

PIMENTEL, Jonas. **CULTURA | Rosana Paulino: a mulher negra na arte**. Esquerda Diário, 2015. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Rosana-Paulino-a-mulher-negra-na-arte>. Acesso em: 05 mar. 2024.

REZENDE, Priscila. Artista visual. **Bombril 2010**. Disponível em: <http://priscilarezendeart.com/projects/bombril-2010/>. Acesso em 05 de mar. de 2024.

- Matéria do G1:

GIOMBELLI, Gilvana. **Após filha de 3 anos ser vítima de racismo, mulher cria coletivo de mães negras em Curitiba: 'Racismo é enraizado e perverso'**. G1. Foz do Iguaçu, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2023/11/20/apos-filha-de-3-anos-ser-vitima-de-racismo-mulher-cria-coletivo-de-maes-negras-em-curitiba-racismo-enraizado-e-perverso.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2024.

- Matéria do Universa UOL:

LEMOS, Vinícius. **'Não há como ignorar': por que escritora negra acha fundamental falar sobre racismo com os filhos desde pequenos**. Universa UOL. São Paulo, 02 ago. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/bbc/2022/08/02/nao-ha-como-ignorar-por-que-escritora-negra-acha-fundamental-falar-sobre-racismo-com-os-filhos-desde-pequenos.htm>. Acesso em: 05 mar. 2024.

- Site sobre Rosana:

PAULINO, Rosana. **Sobre Rosana Paulino**. Rosana Paulino, c.2024. Disponível em: <https://rosanapaulino.com.br/sobre/>. Acesso em: 05 mar. 2024.